

O LEMBRAR E O EXISTIR EM *BARBA ENSOPADA DE SANGUE*, DE DANIEL GALERA

Andiara ZANDONÁ¹
Sílvia NIEDERAUER²

Resumo: Este artigo tem como tema investigar a memória e a identidade no romance *Barba ensopada de sangue* (2012), de Daniel Galera. Os objetivos envolvem estudar teoria e crítica sobre memória, esquecimento e identidade, bem como compreender a literatura no contexto social contemporâneo. Para dar conta da proposta, que é de cunho bibliográfico, foram consultados os autores Aleida Assmann, Maurice Halbwachs, Harald Weinrich e Zygmunt Bauman, principalmente. Os resultados apontam que na narrativa em análise, a memória tem papel fundamental na reconstrução da identidade do personagem principal.

Palavras-chave: Memória. Esquecimento. Identidade. *Barba ensopada de sangue*. Literatura Contemporânea.

Introdução

Este trabalho apresenta um estudo do romance *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera, lançado em 2012, com o intuito de analisar a construção da memória e identidade, tendo em vista que estes são dois assuntos estão muito presentes no romance em questão. Estudar a memória nesta narrativa envolve perceber de que forma as histórias são transmitidas entre os personagens, uma vez que é a busca por um passado velado que guia a ação do personagem central, não nomeado em momento algum da narrativa. Esta busca por (auto)conhecimento do personagem principal norteia o desejo de trazer à tona uma vida de segredos, solidão, na tentativa de, voltando a um tempo pretérito, conhecer seu espaço naquela família e, conseqüentemente, fazer-se compreendido pelos que o rodeiam, assim como por si próprio.

O personagem principal vê-se com o dever de juntar os vestígios, desvendar as pistas lançadas por seu pai pouco tempo antes de se suicidar. E essa tarefa só lhe parece possível em Garopaba, cidade litorânea onde seu avô vivera antes de ter desaparecido. Ele atua como uma

¹ Graduada em Letras Inglês Português e suas respectivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus de Frederico Westphalen. Professora da Rede Municipal de Ensino no Município de Cerro Grande, RS. Mestre em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - *campus* Frederico Westphalen. Especialista em Língua e Cultura Inglesa na mesma instituição.

² Graduada em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Professora do Mestrado em Letras – Literatura Comparada da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, *campus* Frederico Westphalen (URI).

espécie de detetive, investigando os moradores, averiguando as possíveis pistas, os relatos fornecidos pelos nativos que geralmente são reticentes, parecem não querer se comprometer falando o que sabem sobre a história de Gaudério, o avô.

O objetivo geral deste trabalho envolve verificar de que forma a memória se constrói no romance *Barba ensopada de sangue* (2012) e de que maneira essa memória influencia na construção da identidade do personagem principal. Mapear a história de vida do clã familiar formado por Gaudério, o avô, significa percorrer os rastros deixados pela memória do pai, fundador da busca de desvendamento dos segredos mantidos até então. Para tanto, é importante entender como se configura o esquecimento, pois faz parte daquilo que se considera como lembrança. Lembrar e esquecer são polos opostos, mas complementares que apontam para a constituição da identidade, objetivo maior do protagonista.

Ao contrário do que parece representar o título *Barba ensopada de sangue*, o romance não trata de violência, mas sim da contemporaneidade. A narrativa centra-se no professor de educação física cujos pais são separados. Em uma visita à casa de seu pai, este lhe diz que vai se suicidar, que sua vida não tem mais sentido, e pede ao filho que tome conta de sua cachorra, Beta.

Neste mesmo momento, o pai conta ao filho a história de seu pai, que durante um tempo morou em Garopaba, uma cidade litorânea em Santa Catarina, e lhe mostra um retrato. O filho pega uma fotografia sua que guarda na carteira e a compara com a foto do avô, percebendo grande semelhança.

Ele precisa colocar lado a lado uma e outra por possuir um problema psicológico chamado *prosopagnosia*: ele tem dificuldades para guardar a fisionomia das pessoas, mesmo as mais próximas. Então, a solução que encontra é ater-se a outros detalhes, tais como a forma dos cabelos, por exemplo. Ele tenta esconder esta informação das pessoas, confiando-a somente àqueles os quais considera verdadeiros amigos.

Depois de terem conversado, o pai cumpre o que disse e se suicida. O filho sente-se com a missão de desvendar o mistério que gira em torno do avô, saber se ele está vivo ou não. Então, decide se mudar para Garopaba, onde o avô pode ter sido morto. Ele pretende investigar se isso realmente aconteceu e de que forma aconteceu.

Nesse sentido, a memória relacionada à história da vida do avô torna-se seu maior objetivo. E esta é alimentada pelas informações dadas pelo seu pai pouco antes de morrer.

Assim, ele sente necessidade de questionar as pessoas que vivem na cidade praiana, mas que se mantêm irredutíveis quanto a lhe contar o segredo sobre Gaudério.

O personagem principal não se sente satisfeito até descobrir o que aconteceu com o avô, como se para saber que rumo tomar em sua vida precisasse saber o rumo da vida dele. Também é possível inferir que sua busca tenha se tornado um objetivo maior por ser um desejo de seu pai enquanto viveu.

Daniel Galera constrói um personagem que merece atenção justamente por se diferenciar do que é comum. No entanto, ao mesmo tempo em que o personagem principal é um sujeito que foge às características do homem contemporâneo, deixa transparecer uma dúvida que, muito provavelmente, persiste no decorrer da vida das pessoas: Quem eu sou?

Nesse sentido, *Barba ensopada de sangue* merece atenção, não apenas por ser uma obra recente, mas por ter presente em sua construção, elementos atuais e questões fundamentais ao ser humano, tais como a compreensão de sua origem, de seus antepassados e a busca pelo conhecimento de si mesmo.

1. Memória: algumas definições e considerações

Quando se fala em memória, automaticamente, relaciona-se essa palavra a um sinônimo: lembranças. Não há como tratar de memória sem pensar nesse sinônimo, tanto quando se trata de memória em seu sentido biológico quanto como termo utilizado em literatura. De acordo com o dicionário eletrônico *Houaiss* (2011), memória significa: “1. faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo que se ache associado aos mesmos”.

Entretanto, neste estudo, entende-se por memória o modo como ela se configura em um texto narrativo quando um personagem transmite uma história a partir daquilo que viveu ou que soube que aconteceu. Com base nos pressupostos teóricos de Aleida Assmann, no texto “Espaços da recordação” (2011, p.20): “Há mais de uma década se fala muito em memória, e isso é testado por uma literatura técnica crescente e cada vez mais densa”. Além disso, a autora destaca que esse é um tema de interesse de várias ciências: “estudos culturais”, “ciências naturais” e “tecnologia da informação”, revelando um conceito que transita por várias disciplinas.

Dentre as disciplinas supracitadas, encontram-se os estudos literários acerca da memória. No texto “Entre memória e história”, de Pierre Nora (1993, p. 9), o autor define-a da seguinte forma:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transparências, cenas, censura ou projeções.

Tendo em vista a importância que a lembrança ocupa nesse processo, Maurice Halbwachs, em “Memória individual e memória coletiva” (2006), aborda que as impressões podem estar baseadas não apenas em lembranças particulares, mas naquelas que são providas por outras pessoas. Isso representa que o compartilhamento reforça a memória.

Além disso, o autor salienta que “Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas” (HALBWACHS, 2006, p. 31). Da mesma forma, têm a capacidade de relembrar aquilo que foi feito ou dito sem que aquele que esteve envolvido se recorde.

Ainda a respeito das recordações fornecidas por testemunhas, o autor acrescenta que podem ser as únicas exatas, pois às lembranças individuais “reais”, muitas vezes se juntam recordações “fictícias”, fazendo com que as declarações de testemunhas “[...] corrijam e rearranjam a nossa lembrança e ao mesmo tempo se incorporem a ela” (HALBWACHS, 2006, p. 32).

Entretanto, apesar de prover grandes contribuições à memória individual, não se pode dizer que a memória coletiva, por si só, explica tudo. O autor salienta que:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser construída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Contribuindo com os conceitos de individual e coletivo, Aleida Assman, no texto “Memory, individual and collective” (2006, p. 212), comenta que: “Our memories are

indispensable because they are the stuff out of which individual experiences, interpersonal relations, the sense of responsibility, and the image of our own identity are made³”.

Outro ponto importante a respeito da memória é exposto por Maurice Halbwachs, no livro *Memória coletiva* (2006), capítulo cinco, “Memória coletiva e espaço”. Nesse texto, o autor esclarece a importância que o espaço pode ter quando há necessidade de recordar algo:

o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço [...] que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça (HALBWACHS, 2006, p. 170).

Dessa forma, o espaço pode conter imagens que evoquem a recordação a um grupo de pessoas, tornando mais eficaz o acesso à memória quando relacionada ao ambiente onde as histórias aconteceram. Nesse sentido, o local, através das imagens que possui, atua como facilitador para que as lembranças possam surgir mais detalhadas, auxiliando a memória coletiva. Porém, o autor ressalta que o espaço por si só não será capaz de prover as lembranças para o grupo. É preciso que estas pessoas já possuam suas recordações para que ele assuma apenas papel de assessor nesta tarefa.

Todavia, nem só de recordações, lembranças é composta a memória, pois por ela também passaram informações que foram esquecidas. O esquecimento é estudado sob diversas concepções e abordado por vários autores. Alguns deles explanam suas ideias no livro *Walter Benjamin: Rastro, aura e história*, organizado por Sabrina Sedlmayer e Jaime Ginzburg (2012). Dentre os vários ensaios que o compõe encontra-se o texto de Jeanne Marie Gagnebin, “Apagar os rastros, recolher os restos”, no qual a autora comenta, primeiramente, a respeito do conceito de “rastro”. Ela esclarece que ele possui uma “complexidade paradoxal”, a qual é caracterizada pela “[...] presença de uma ausência e ausência de uma presença” (GAGNEBIN, 2012, p. 27). Completando essa definição, ela acrescenta que “[...] o rastro somente existe em razão de sua fragilidade: ele é rastro porque sempre ameaçado de ser apagado ou de não ser mais reconhecido como signo de algo que assinala” (GAGNEBIN,

³ Nossas memórias são indispensáveis porque elas são o material do qual experiências individuais, relações interpessoais, o senso de responsabilidade, e a imagem de nossa identidade são feitos (tradução nossa).

2012, p. 27). Ela explica que esse paradoxo é destacado quando Walter Benjamin se refere ao conceito “rastros” e esclarece que, para o crítico,

o estatuto paradoxal do ‘rastros’ remete à questão da manutenção ou do apagamento do passado, isto é, à vontade de deixar marcas, até monumentos de uma existência humana fugidia, de um lado, e às estratégias de conservação ou de aniquilamento do passado, do outro (GAGNEBIN, 2012, p. 27).

O rastros também é mencionado no mesmo livro, no artigo “A interpretação do rastros em Walter Benjamin”, de Jaime Ginzburg. O autor comenta que em *Fragmento político-teológico*, de Walter Benjamin, o crítico se refere à “fugacidade”, expondo que, o tempo todo, há “estórias” que são esquecidas e outras que poderão aparecer.

Nesse sentido, Ginzburg assevera que “em um universo de eterna fugacidade, um rastros é uma chave de conhecimento” (2012, p. 112). Ao mesmo tempo em que é uma “ausência”, é “presença”, tornando-se “resto”. Este, por sua vez, é a “[...] indicação de uma convergência entre o que está ausente e o que está diante dos olhos” (GINZBURG, 2012, p. 112). Sendo assim, considerar algo como “rastros”, significa aceitar que ele possui “mais de um significado” e pode conter alguma pista sobre o que aconteceu ou alguma sugestão em relação ao que está por vir.

Ginzburg ressalta que Benjamin considerava a fotografia capaz de atuar como “resto”, pois ela tem a capacidade de consolidar aquilo que é “efêmero e secreto”. Assim,

o que a câmera produz envolve um componente inconsciente. A fotografia é o resto de um momento do tempo e, como tal, ela é uma cifra; o que ela diz sobre o que ocorreu é uma imagem mínima, uma miragem, que precisa ser interpretada (GINZBURG, 2012, p. 114).

O fragmento demonstra que há relação entre a fotografia e o rastros, sendo a primeira uma possibilidade de “concretização” do segundo, pois nela (fotografia) estão contidas imagens que diferem do tempo atual. Para Ginzburg, “por seu caráter instantâneo, único, a fotografia tem um papel de ruptura: a partir de sua produção, a imagem do passado se altera; sua percepção condiciona as expectativas quanto às hipóteses de futuro” (2012, p. 115). Sendo o “rastros” importante para passado e futuro, ele pode servir ao “ato de narrar”, fornecendo informações importantes para reconstruir o passado, auxiliando a memória.

Saber seu passado faz com que os sujeitos possam melhor compreender sua história, suas origens. Toda essa gama de informações é importantíssima quando se trata da identidade dos sujeitos, assunto que será tratado na seção seguinte.

2. Identidade: uma contínua construção

Todo o ser humano possui uma identidade, não há como existir sem ela. E aqui não está em causa o nome ou qualquer referência a aspectos burocráticos de identificação, mas sim a respeito da subjetividade que cada sujeito abriga no íntimo de seu ser.

Essa identidade, que caracteriza cada indivíduo de forma diferenciada, é estudada e conceituada por vários teóricos. Todavia, há duas maneiras básicas de se estudar o conceito de identidade e sua implicação em textos literários. São elas, a identidade de primeiro grau ou biológica e de segundo grau ou cultural.

O assunto é abordado por Kathryn Woodward, no texto “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual” (2000). Nele, a autora busca estabelecer as diferenças entre subjetividade e identidade, salientando que:

‘Subjetividade’ sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre ‘quem nós somos’. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais (WOODWARD, 2000, p. 55).

No entanto, a identidade tem outro significado: “[...] nós vivemos a subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade” (WOODWARD, 2000, p. 55). Ela ainda salienta que: “As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (WOODWARD, 2000, p. 55).

A cultura e a identidade são temas em evidência nos estudos de Zygmund Bauman, que muito tem contribuído com informações relacionadas a estes dois assuntos. No livro *Identidade* (2005) ele responde a uma entrevista cujos questionamentos são feitos por Benedetto Vecchi. Em resposta a um destes questionamentos, Bauman salienta que:

a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar

por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta (BAUMAN, 2005, p. 21-22).

Esse caráter inacabado da identidade também é explicitado pelo autor quando ele se refere ao fato de ter havido tentativas de esconder essa “verdade”. Porém, para Bauman, “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas” (BAUMAN, 2005, p. 22), não esquecendo que, de acordo com o autor, “[...] há apenas algumas décadas, a ‘identidade’ não estava nem perto do centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica” (BAUMAN, 2005, p. 22-23). Todavia, ela ganha destaque na atualidade, tendo se tornado um tema de alta relevância.

Nesse sentido, Bauman argumenta que, na modernidade, os indivíduos mantêm suas identidades *em movimento* e, além disso, “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p. 33).

Semelhante ao pensamento de Bauman, o filósofo Arcângelo R. Buzzi, no livro *A identidade humana* (2002) comenta a respeito de identidade e globalização. Buzzi ressalta que os sujeitos que vivem na “era moderna”, em um mundo globalizado estão à mercê da tecnologia e do virtual, os quais “oferecem favores e prometem uma vida mais intensa” (BUZZI, 2002, p. 57).

Assim, a “identidade moderna” preocupa-se com o poder, tentando diferir do outro e “assemelhar a si toda realidade” (BUZZI, 2002, p. 58). Esse “outro” pode ser a “natureza”, “seu semelhante”, ou a “deidade”, interessando à identidade humana na era da globalização, a busca pelo poder. Busca cujas realizações são “[...] o descartável, pequenas compensações, pequenos prazeres, pequenas alegrias, que tão pouco a satisfazem que não as buscas senão uma só vez” (BUZZI, 2002, p. 59).

Ainda sobre essa busca, o autor a descreve como uma “insatisfação”, a qual é perceptível com o fenômeno da globalização e revela que no desejo de poder há uma busca incessante por algo que seja “assimilável” ao indivíduo, alguma coisa que o sujeito poderia querer sempre.

Essa busca é percebida no livro *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera. A narrativa centra-se em um personagem que investiga o passado do avô para assim, saber qual a sua própria identidade e que caminho deve seguir.

3. Quando passado e presente se encontram

No decorrer de suas vidas, os sujeitos experimentam oscilações entre lembrar-se do passado, viver o presente e planejar o futuro. Contudo, é preciso que haja clareza quanto aos acontecimentos do passado para que se possa planejar um futuro com suficiente autoconhecimento. Relacionados ao autoconhecimento, o “Tempo e o Eu” são destacados por Joël Candau, em *Memória e identidade* (2012, p. 61), como acometidos pela memória.

Todavia, essa clareza relacionada ao passado não é percebida em *Barba ensopada de sangue*, pelo menos não no início da narrativa, quando o professor de Educação Física vai em busca de um passado que poderá ser revelador e auxiliar o seu próprio entendimento enquanto sujeito.

Esse entendimento está relacionado tanto à memória quanto à identidade. Joël Candau (2012) ressalta que perder a memória é tal qual perder a identidade. Situação que começa a se reverter no romance quando o pai desperta no filho esse desejo, comparando-o com Gaudério:

O pai diz que ele e o avô não eram semelhantes apenas no sorriso, mas em numerosos aspectos físicos e de comportamento. Que o vô tinha o nariz, mais estreito que o dele próprio. O rosto meio largo, os olhos meio afundados no crânio. A mesma cor da pele. [...] Esse teu porte atlético, diz o pai, pode ter certeza que vem do teu vô. [...] E vocês são parecidos no temperamento também. Teu vô era meio quieto assim que nem tu. Sujeito calado e disciplinado (GALERA, 2012, p. 18-19).

Ainda na casa do pai, durante a conversa, ele recebe uma foto do avô e vai até o banheiro buscando a confirmação daquilo que o pai lhe dissera. Como a doença não lhe permite lembrar nem do seu próprio rosto, ele precisa estar lado a lado com a foto de Gaudério:

Compara o rosto da fotografia com o rosto que vê no espelho e sente um calafrio. Do nariz para cima, o rosto da fotografia é uma cópia mais morena e um pouco mais envelhecida do rosto do espelho. A única diferença digna de nota é a barba do avô, e apesar dela tem a sensação de estar vendo uma foto de si próprio (GALERA, 2012, p. 26).

Diferença essa que ele pretende corrigir. A partir daquele momento, decide que deixará sua barba crescer. Ele não explicita essa ideia. Mas é perceptível ao longo da narrativa que pretende deixar a barba crescer para ficar ainda mais parecido com o avô, confirmando as

reflexões de Candau (2012) de que as memórias do passado terão influência direta para a identidade e suas representações.

Tratando de representações, ainda na casa do pai, eis que surge em sua memória uma lembrança, novamente relacionada à barba. Porém, desta vez, lembra da barba do pai: “O pai estava raspando a barba no banheiro com a porta aberta, pela manhã, antes de sair para o trabalho, e ele, com seis ou sete anos de idade, observava” (p. 34).

Nota-se uma forte ligação entre o rapaz, seu pai, Hélio, (cujo nome é revelado quase no final da narrativa) e Gaudério. Tão forte é esse laço que, depois de Hélio se suicidar, quando o rapaz muda-se para Garopaba, leva consigo, além de Beta, alguns objetos significativos: “Guardou os álbuns de fotografias, a faca de churrasco que ganhou do pai, uma faca com cabo de couro de tatu e lâmina de aço que enferruja de tempos em tempos e precisa ser raspada com palha de aço e untada com óleo [...]” (GALERA, 2012, p. 36-36).

É perceptível o apego que o personagem tem com esses objetos, do contrário, não os teria levado consigo. Também é necessário destacar o seu apego às facas, o que era costume do avô. Relembrando o que Hélio contara sobre seu pai, Gaudério andava com uma faca na cintura e, quando se irritava com alguém, sua defesa era mostrar a faca.

Da mesma forma que o avô gostava do ambiente litorâneo, o rapaz também sentira que fizera a escolha certa ao mudar-se para Garopaba. Esses detalhes são importantes no que diz respeito à construção de sua identidade, bem como (re)afirmam a ligação existente entre eles, apesar do pouco conhecimento que o protagonista tem sobre seu avô e a história de sua família.

Em Garopaba, quando já está em seu novo lar, repete o ritual feito na casa do pai: novamente, compara o rosto da fotografia com o seu refletido no espelho: “Olha atentamente para o rosto do avô e para o próprio reflexo. Passa a mão na barba que está crescendo em seu rosto desde que conversou com o pai pela última vez” (GALERA, 2012, p. 68).

O cuidado com a barba é tamanho que quando ele vai à barbearia, fica receoso em deixar o seu Zé apará-la. Só permite que ele faça o contorno, mas pede que não mexa no comprimento. Diz estar deixando crescer. E quando se despede de seu Zé, ouve a seguinte constatação: “Tu lembra muito o Gaudério” (GALERA, 2012, p. 92).

Ele mesmo percebera isso desde que comparou sua imagem com a do avô. Por isso, busca explicações em relação à vida do avô, como se pudesse compreender sua própria vida a

partir da compreensão dessa história mal esclarecida. Ou seja, poderá entender a si mesmo com maior clareza, já que são tão parecidos.

A identidade, seguindo os pressupostos de Candau (2012, p.25), pode estar relacionada a uma *representação*, à ideia “de quem eu sou”. Nesse sentido, o personagem está descobrindo a ele mesmo, prestando mais atenção a si mesmo. Para que esse processo aconteça, considera benéfico estar distante de todos aqueles que conhecia e faziam parte de sua vida. E sua satisfação com a “nova vida” (deixou Porto Alegre e foi para Garopaba) pode ser perceptível pelo que fala ao amigo Gonçalo: “Tô ótimo. Tô trabalhando numa academia daqui, posso nadar no mar quando quero, consigo ficar na minha. E queria muito ver essa coisa do meu vô” (GALERA, 2012, p. 164).

O professor mostra, ao longo da narrativa, seu gosto por fotografias. Já no início ele se depara com a foto do avô. Depois, dentre os pertences que carrega no carro, há um álbum de fotografias, as quais novamente são vistas por ele no seu apartamento: “Pega uma foto do irmão mais velho e a compara com as suas para verificar mais uma vez como eles são diferentes na aparência. O irmão se parece mais com a mãe [...] Há três retratos seus e em todos está escrito ‘EU’” (GALERA, 2012, p. 183-184).

A partir do fragmento, é possível inferir que sua curiosidade em encontrar essas semelhanças ou diferenças físicas, também faz parte do processo de descobrir o seu lugar, saber quem é naquela família. No entanto, ao passo que o irmão se parece mais com a mãe, ele se parece mais com Gaudério. Isso é confirmado tanto pela semelhança que ele mesmo percebeu comparando seu rosto com o da foto, quanto pela reação das pessoas que conheciam Gaudério e que ao vê-lo não escondem o espanto.

Um exemplo disso é quando o cantor Mascarenhas está se apresentando: “Mascarenhas passeia o olhar pela plateia e de repente faz cara de susto e dá um pulo. O cantor o encara com os olhos apertados e então os arregala e ergue as sobrancelhas como quem viu e depois reconheceu um fantasma” (GALERA, 2012, p. 191).

Esse mesmo cantor conhecia o avô do rapaz e, depois da apresentação, eles conversam no bar: “Guri, tu é a cara de um homem que conheci aqui mesmo em Garopaba muitos anos atrás” (GALERA, 2012, p. 192). Quando o rapaz conta o que sabe da história de Gaudério, Mascarenhas reitera sua opinião sobre a semelhança com o gaúcho corajoso do passado: “Tu é muito parecido com ele. Acho que ele era mais alto. Mas tu é a cara do miserável. Cuspido e escarrado” (GALERA, 2012, p. 195). Impressão que é confirmada pela bondosa senhora

Santina: “Santina começa a puxar uma cadeira mas para de repente, recua um passo e leva a mão à boca. Meu Deus ele é a cara do Gaudério” (GALERA, 2012, p. 303).

Todavia, como o próprio pai do personagem assinalara anteriormente durante a conversa com o filho, as semelhanças não se resumem aos aspectos físicos. Essa ideia se comprova quando, depois de conversar com dona Santina e saber que o avô pode estar vivo, morando nos morros, ele decide procurá-lo.

As mudanças vão ocorrendo nas atitudes do personagem que, agora se mostra um homem mais corajoso, capaz de enfrentar as pessoas pelo que quer, confirmando os pressupostos de Zygmunt Bauman (2005), cujas ideias apontam o caráter inacabado e inconcluso da identidade. Ela não é fixa, mas sim mutável.

A coragem e a determinação são perceptíveis na sua atitude de fazer trilha pelos morros à procura de Gaudério. Ele não se importa de passar a noite por ali mesmo. Tem consigo apenas sua mochila e a companhia de Beta: “Continua caminhando para o sul por alguns dias” (GALERA, 2012, p. 338). Pelo caminho, encontra com um casal que o ajudará em sua busca:

Tu desce comigo e eu te mostro o caminho. É perto. Só tem que cuidar para não errar a trilha. Tem várias que entram pelo morro e vão dar em lugar nenhum ou na caverna do velho.
Caverna do velho.
Tem um velho que mora numa caverna (GALERA, 2012, p. 358).

Fica tão animado com a ideia que quer saber como chegar até o local e pede que Pato lhe mostre o caminho. Pato o aconselha a não ir, diz que ninguém vai lá e que isso não deve ser por acaso. Mas ele insiste apesar de estar noite e chovendo. Justifica que o velho da caverna pode ser seu avô. O novo amigo desiste de convencê-lo a ficar e acaba explicando a trilha. Também lhe empresta uma lanterna. Ele segue: “Quando começa a suspeitar que a busca será inútil aparece a cerca de arame farpado. Prossegue alguns minutos tateando a cerca com a mão direita até se deparar com o portão de fios enferrujados” (GALERA, 2012, p. 361).

Beta o acompanha sempre desde o portão até a caverna. Quando entram, se depara com um senhor: “O velho está de frente para ele, olhando, acomodado no que parece ser uma velha cadeira de balanço forrada de pelegos de ovelha” (GALERA, 2012, p. 363).

O rapaz observa-o e constata: “A barba está cinza, o homem está menor, perdeu metade do tamanho, mas só pode ser o mesmo” (p. 365). Percebendo isso, entrega a foto ao

velho. “Seus olhos pulam algumas vezes do retrato para o rosto do homem mais jovem à sua frente e sua fisionomia vai se transfigurando aos poucos em algo mais perplexo e ameaçador” (p. 365). Mesmo assim, põe a mão no rosto do rapaz e ele percebe que faltam alguns dedos. Quando o velho pergunta ao rapaz se ele é real e recebe como resposta que é seu neto, revolta-se e começa a dizer que ele não deveria ter vindo ali. O professor de Educação Física ainda tenta contar que pai havia morrido e que há dias estava a sua procura.

O encontro dos dois representa a junção de dois tempos: o passado e o presente. Não apenas pela semelhança que há entre os personagens, mas pelo significado que esse encontro tem para o personagem principal, que nem sequer possui um nome na narrativa. Finalmente, consegue atingir seu objetivo. E, apesar de no texto não estar escrito de forma clara que o velho habitante da caverna é Gaudério, isso fica evidente conforme o rapaz olha para ele e o descreve.

Em sua fuga, nota que Beta não está mais acompanhado. Imagina que tenham se perdido, tenta chamá-la e fica desesperado pensando em perdê-la, afinal desenvolvera com o tempo uma relação de cumplicidade com a cachorra que fora companheira de seu pai por tantos anos. Mas não pode voltar. Decide se jogar no mar na tentativa de sair de vez daquele lugar.

Durante todo o percurso, sua imaginação oscila entre o terror e momentos bons que o futuro lhe trará. Sente-se motivado em imaginar uma mulher que poderia estar lhe esperando, diferente de todas aquelas que já teve, mas ao mesmo tempo comum. Pensa em ter filhos com ela. Agora, ele imagina alguém para compartilhar sua vida, ter uma vida a dois, diferente do início da narrativa, quando conhecia mulheres, mas ficava um tanto receoso em se deixar envolver com elas.

No dia posterior à travessia, pela manhã, ele acorda com a ajuda de um homem que tenta levantá-lo. Com a ajuda do estranho que lhe oferece água e o leva até parte do caminho, consegue chegar em casa. Quando entra, olha-se novamente no espelho,

e enxerga um velho. Passou a vida toda vendo o rosto pela primeira vez na imagem refletida mas agora é diferente. Pode ver os contornos da caveira por trás da testa e das maçãs do rosto. Os olhos estão encovados nas órbitas. A pele parece queimada apesar de semanas sem sol. A barba comprida está cheia de areia. Não lembra de como era antes mas sabe que não era assim. Entende agora o que seu avô viu. Uma aparição, uma versão mais jovem de si mesmo. Algo que não devia estar ali (GALERA, 2012, p. 377-378).

Fica por dois dias em casa, tentando se recuperar, mas sente muitas dores por todo o corpo. Também tem muita tosse, mas não procura ajuda. Depois de tanto buscar por Gaudério, agora precisa procurar por Beta, mas está se sentindo muito fraco para sair de casa. Entretanto, os latidos se repetem e ele decide sair à sua procura. Quando a vê está amarrada a uma torneira em frente a um bar. Ela o reconhece; entretanto, quando se aproxima de Beta é impedido por um rapaz com que já havia se indisposto numa boate por causa de Dália, uma de suas namoradas.

O nativo o ataca. Apesar de estar sentindo muita dor não desiste: “Ele olha em volta e vê rostos ávidos por violência. A cachorra está sentada entre ele e o nativo, cansada e confusa, faminta e sufocada, alheia à natureza da disputa. O animal que seu pai amava mais que tudo [...]” (GALERA, 2012, p. 386).

Beta tem um significado muito especial para ele. Não é apenas sua companheira, era o animal mais estimado pelo pai. Não poderia deixá-la. Tenta falar com o nativo, dizendo que a cachorra é dele e que todos sabem. Quando tenta pegá-la novamente, é covardemente agredido, pois está muito debilitado e o nativo tem a ajuda dos amigos. São vários contra um.

Mesmo assim não desiste. Vai até a mesa do bar e observa os rapazes: “Põe a mão em volta do queixo e espreme a barba ensopada de sangue de cima a baixo, até a ponta, fazendo escorrer um filete rubro que forma uma pequena poça nas lajotas brancas do pavimento” (GALERA, 2012, p. 389).

É possível perceber que novamente a barba é um elemento de referência. Primeiro porque ele espreme a barba cheia de sangue na frente dos nativos, demonstrando que não tem medo, que vai enfrentá-los. Contudo, sua barba não é a mesma que a de Gaudério. Apesar das semelhanças, ele não briga com o nativo por um motivo qualquer. Ele luta porque sua cachorra foi roubada e ainda é atacado covardemente. No fim, acaba sendo considerado campeão por ter enfrentado os nativos. Diferente do comportamento de Gaudério em Garopaba, não mostrou uma faca, simplesmente se defendeu.

Depois de findada a briga, levam-no para o hospital. Lá sua barba é raspada. Ele se recupera e volta para casa. Para sua surpresa, recebe a visita de Viviane, sua ex-namorada de quando ainda vivia em Porto Alegre e, hoje, esposa de seu irmão. Depois de uma longa conversa, ela lhe entrega como presente uma foto ampliada do pai dele. Também pede que esqueça o que aconteceu, que perdoe a ela e ao irmão e seja padrinho do filho que está

esperando, seu sobrinho. Sua resposta não é entusiasmada: “Pra mim soa completamente absurdo” (GALERA, 2012, p. 418).

Possivelmente, o personagem lembra do conselho dado pelo pai em sua última conversa: “Eu não perdoaria ele se fosse tu” (GALERA, 2012, p. 35). Sua resposta ao conselho do pai é: “Bom saber disso” (GALERA, 2012, p. 35). Ele parece satisfeito em saber que o pai não perdoaria, que não ficaria triste se ele não convivesse mais com o irmão.

E é exatamente essa a sua atitude. Deixa claro a ela que não vai perdoá-lo e justifica o porquê falando da grande mágoa que sente em relação a Dante: “Viv, não existe nada dentro de mim capaz de perdoar o meu irmão por ter feito o que ele fez. Não é que eu queira e não consiga. Eu *não quero*. Seria *errado*” (GALERA, 2012, p. 421). Mas, antes de sair, Viviane deixa-o sem palavras:

Não vou mais voltar aqui. Se um dia tu quiser nos visitar as portas vão estar sempre abertas. O nenê é pra meados de maio. Tá? Vai ser teu sobrinho. Se tu não tiver a dignidade, a hombridade de ir conhecer ele, talvez um dia ele mesmo te procure, quando tiver idade.[...]
Ele engasga tentando dizer alguma coisa (GALERA, 2012, p. 422).

Acaba não dizendo nada. Mas as palavras de Viviane se confirmam, não no final da narrativa, que é este, mas no início. Parece contraditório, mas a narrativa não acaba aí. No início do romance, nas páginas anteriores à primeira parte do livro, há uma pequena história narrada por um rapaz. Ela inicia da seguinte forma: “*Quando meu tio morreu eu tinha dezessete anos e o conhecia somente a partir de fotos antigas*” (GALERA, 2012, p. 7).

Quando se está iniciando a leitura do romance, não há como saber quem é esse rapaz, nem quem é o tio, mesmo porque, na narrativa que inicia nas próximas páginas, não há nenhum sobrinho. Só se percebe quem ele é ao final do romance.

Além de representar uma continuidade para a narrativa, essa pequena história contada pelo sobrinho mostra que ele seguiu os mesmos passos que o tio seguira anteriormente para descobrir quem fora Gaudério:

Meu tio morreu afogado tentando resgatar uma banhista que caiu das pedras na Praia da Ferrugem num dia de ressaca assustadora com ondas de três metros explodindo na costa. [...] O corpo do meu tio nunca foi encontrado. Houve um enterro simbólico em Garopaba e nós comparecemos (GALERA, 2012, p. 7).

Da mesma forma que ocorrera com Gaudério, o corpo não foi localizado. Outro fato curioso é que assim como os moradores de Garopaba ficaram olhando o mar quando o corpo de Gaudério sumira, isso também se repete no enterro simbólico do tio:

Minha mãe [...] ficou cerca de meia hora olhando para o mar e falando sozinha, ou conversando com alguém. Havia outras pessoas olhando o mar como se esperassem alguma coisa e tive a estranha impressão de que todas estavam pensando no meu tio, embora ele fosse descrito como uma figura reclusa e pouco conhecida, um remanescente de outra época. Tive a ideia de filmar depoimentos sobre ele, e meus pais me permitiram que eu passasse uns dias sozinho na cidade (GALERA, 2012, p. 8).

Nota-se a repetição de uma história já vista. Até mesmo as impressões dos moradores em relação a ele são parecidas com as que os moradores tinham a respeito de Gaudério.

Alguns dos dados colhidos pelo rapaz são contados, tais como: que o tio tinha um pequeno consultório, que fora casado e vivia acompanhado por Beta:

Diziam que ele era capaz de passar dez minutos embaixo d'água sem respirar. Que o cachorro que o seguia por toda parte era imortal. Que tinha enfrentado dez nativos ao mesmo tempo com as mãos limpas e vencido. Que nadava à noite de praia em praia e era visto saindo do mar em lugares distantes. Que tinha matado gente e por isso era discreto e recolhido. Que oferecia ajuda a qualquer pessoa que fosse procurá-lo. Que tinha habitado aquelas praias desde sempre e para sempre habitaria. Mais do que uma ou duas pessoas disseram não acreditar que ele estivesse realmente morto (GALERA, 2012, p. 9).

Nesse fragmento, torna-se ainda mais clara a relação entre a história do tio e a história de Gaudério, como se novamente esse personagem se sentisse instigado a descobrir o paradeiro do tio, cujo corpo nunca fora encontrado. A memória, nesse sentido, não se apaga com o tempo, pois a história dos homens dessa família permanece sendo contada continuamente, o que pode ser relacionado às reflexões de Jeanne Marie Gagnebin (2012). Para a autora, é dever do ser humano conservar a memória, ir em busca do passado e tentar desvendá-lo.

É o que fazem os personagens no romance *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera. Eles tentam preservar a memória de sua família, e não é uma simples descoberta, mas uma importante descoberta. Dão grande valor a essa busca, como se não pudessem continuar suas vidas sem saber o que aconteceu no passado. No caso do personagem principal da narrativa, a busca o transforma. Ele vai se “moldando” à medida que começa suas investigações, impulsionado pelo desejo oculto do pai em saber sobre seu pai. Nesse sentido,

memória e identidade andam juntas nessa narrativa, pois ao passo que a memória se revela ao personagem, sua identidade vai sendo modificada e reconstruída.

Por meio da busca/encontro e da escrita desse passado é que as identidades vão se conformando e dando maior contorno a um passado que, por muito tempo, ficou velado. Tanto o neto de Gaudério como seu sobrinho são as vozes que dão vida à memória que, sem isso, cairia no esquecimento. Os silêncios, os não-ditos foram a trilha que ganhou visibilidade e trouxe à tona o que a memória e o esquecimento não queriam (ou podiam) contar. E o ciclo talvez continue, agora em outras mãos, as do leitor que se encarregará de contar essa história e dar corpo ao não esquecimento.

Considerações finais

Barba ensopada de sangue envolve o contexto social atual, no que se refere à busca de uma compreensão de si mesmo, a tentativa de, por meio dos rastros de história da sua família, construir a sua identidade. O romance é marcado por lembranças e esquecimentos. Lembranças que precisam vir à tona, mas são escondidas por personagens que temem dizê-las. Um pai que lutou a vida toda para esquecer a tragédia que ocorrera com seu próprio pai, o temido Gaudério. Uma cidade toda que ao ouvir pronunciar o nome desse homem emudece, silencia. Entretanto, contrariando toda essa necessidade de esquecimento, o personagem principal luta pelo contrário, quer as lembranças, tanto do pai, quanto do povo de Garopaba.

Provavelmente, o esquecimento, ou a tentativa de esquecer, esteve sempre presente na vida dessas pessoas pelo fato de as lembranças lhes causarem sofrimento. Levando em conta a teoria psicanalítica, mais especificamente, o que Freud (1991) considera os motivos do esquecimento, é possível pensar que as ideias do Pai da psicanálise podem ser aplicadas à forma como se comportavam esses personagens. Segundo ele, o esquecimento é uma espécie de negação das informações dolorosas. A negação, por sua vez, é considerada um mecanismo de defesa do ego, que “barra” as lembranças “ameaçadoras” à consciência.

Contudo, essa tentativa de negação das lembranças passadas não tem sucesso permanente, pois há um sujeito que luta por recuperá-las. Sua simples presença em Garopaba perturba os moradores, os quais ao vê-lo, sentem-se voltando ao passado e, de forma automática, recuperam as informações que lutam por esquecer. Relembrando as palavras de Pierre Nora (1993, p. 9), a memória se alimenta até mesmo de lembranças vagas, ela é “[...]”

susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”. Ou seja, por mais que as recordações permaneçam latentes, escondidas, podem vir à tona a qualquer momento. Em *Barba ensopada de sangue*, quem se encarrega de reavivar o conteúdo latente é o personagem principal.

Esse personagem não conseguiria sozinho recontar a história de Gaudério, pois não o conheceu, nem estava presente na fatídica data em que o avô fora atacado no baile. Contudo, a história não se perde, pois ele pode contar com a memória de outras pessoas. Essa ideia é apresentada por Maurice Halbwachs (2006). Para o autor, a memória coletiva, aquela que é composta pelas recordações de várias pessoas, pode relembrar, com exatidão, fatos que talvez não pudessem ser recordados com tantos detalhes se fossem lembranças individuais. Assim, a memória coletiva é fundamental no romance em análise para que o personagem, apesar de não ter vivenciado os acontecimentos, possa recontar uma história com base em informações fornecidas por outras pessoas que foram auxiliares nesse processo.

A partir da análise de *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera, é possível inferir que a identidade do personagem principal - cujo nome não é mencionado em nenhum momento na narrativa – vai se reformulando, se modificando de forma positiva à medida que vai investigando a história do avô, que tem seu ápice quando ele encontra o velho na caverna.

A reformulação da identidade do neto está de acordo com os pressupostos de Zygmunt Bauman (2005). Para o autor, a identidade possui um caráter inacabado, não podendo ser considerada fixa. Em outras palavras, não há identidade formada, mas sim transformada, reformulada. É o que ocorre com o protagonista do romance em análise.

O encontro com aquele senhor na caverna, que ele acredita ser Gaudério, faz com que tenha coragem de enfrentar o grupo de nativos que havia roubado Beta. Ambos, avô e neto, em épocas diferentes, entram em luta corporal com os nativos, mas por motivos distintos. Gaudério é agredido porque os nativos queriam se vingar dele. Consideravam que tivesse cometido um crime (o assassinato de uma jovem). Também por ser violento, mostrar sua faca por qualquer motivo. Com o professor de Educação Física, a situação é outra: roubaram Beta e lhe agrediram sem razão alguma. Além disso, é diferente o final de cada uma das lutas. Gaudério é gravemente ferido e seu corpo desaparece. O professor, mesmo há dias doente, sem forças para lutar, enfrenta os nativos e não desiste de resgatar Beta.

O momento mais marcante dessa luta é quando o narrador o descreve espremendo a barba que está ensopada de sangue. Novamente a barba possui uma simbologia. Nesse caso,

representa o momento de maior força que o personagem precisou ter para se defender. Ou seja, a barba que Gaudério tinha, ele também tem. A força e a coragem do gaúcho que colocava medo nos habitantes de Garopaba, cresceu juntamente com a barba ao longo do tempo, o que se repete, agora, com o neto.

Ela (a barba) assume o papel de metáfora do amadurecimento do homem que é personagem principal do romance. Só decide deixá-la crescer depois de ver a foto do avô. Percebe as semelhanças e quer tornar-se ainda mais parecido com Gaudério. A vontade de deixá-la crescer surge lado a lado com a vontade de conhecer quem foi esse homem que pertence à sua família, mas que nunca conhecera. Sua barba permanece comprida até o momento em que é levado ao hospital, depois de enfrentar os nativos de Garopaba. Lá, ela é aparada.

Isso acontece próximo ao final da narrativa, cujo desfecho demonstra que a identidade do personagem permanece em constante construção, assumindo seu caráter inacabado, como sugere Bauman (2005). Ele recebe a visita da ex-namorada, agora cunhada, Viviane. Nessa visita, ela conta estar grávida e pede que ele esqueça o passado e perdoe a ela e ao irmão e seja padrinho da criança. Ele nega o pedido da moça, demonstrando que os sujeitos, apesar de terem a capacidade de conhecerem melhor a si mesmos, nem assim estão prontos para enfrentar todos os seus problemas. O personagem principal, em *Barba ensopada de sangue* deixa transparecer que, ao invés de enfrentar o problema com o irmão, prefere deixá-lo de lado. Provavelmente, ainda não está preparado para elaborar essa questão, assim como seu pai não se sentira preparado ao longo da vida para buscar pela história de Gaudério.

THE REMEMBER AND THE EXIST IN BARBA ENSOPADA DE SANGUE, BY DANIEL GALERA

Abstract: *This article has, as theme to investigate the memory and identity in the novel Barba ensopada de sangue (2012), by Daniel Galera. The aims involve to study theory and criticism about memory, forgetfulness and identity, and to understand the literature in the contemporary social context. To do this work, that has bibliographic nature, Aleida Assmann, Maurice Halbwachs, Harald Weinrich and Zygmunt Bauman were studied, mainly. The results show that in the narrative analyzed, the memory has fundamental role in the main character's reconstruction of identity.*

Keywords: *Memory. Forgetfulness. Identity. Barba ensopada de sangue. Contemporary Literature.*

Referências

- ASSMANN, Aleida. Memory, individual and collective. In:_____. **Contextual political analysis**. New York: Oxford, 2006.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BUZZI, Arcângelo R. **A identidade humana**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- FREUD, Sigmund. **Esquecimento e fantasma**. Rio de Janeiro: Assírio & Alvim, 1991.
- GAGNEBIN, Jeanne M. Apagar os rastros, recolher os restos. In: SEDLMAYER, Sabrina, GINZBURG, Jaime (orgs). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- GALERA, Daniel. **Barba ensopada de sangue**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In: SEDLMAYER, Sabrina, GINZBURG, Jaime (orgs). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Edição eletrônica. Rio de Janeiro, Objetiva, 2011.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**, PUC, São Paulo, n.10, p. 1-178, dez.1993.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Artigo recebido em abril de 2015.

Artigo aceito em maio de 2015.